

"Democracia directa, torna as pessoas mais satisfeitas"

Entrevista a Bruno S. Frey para a Radio Suíça Alemã DRS 1

"Quando volto para casa à noite, eu não passo meus tempos livres a ver televisão, leio antes um livro ou então trabalho a resolver alguns problemas científicos, e isso faz-me muito feliz", diz o Professor de Economia e investigador sobre a felicidade na Universidade de Zurique, na sua decisão de se livrar da televisão.

Faz pesquisa sobre a felicidade e é economista - de acordo com seus estudos, o que torna as pessoas mais felizes?

A coisa mais importante, penso eu, é uma boa convivência com outras pessoas, ou seja, ter amigos, bons conhecimentos e contacto com familiares. É extremamente importante. Mas, ao mesmo tempo, não podemos descuidar as bases materiais da vida: um ordenado razoável, um bom trabalho e bons colegas de emprego.

Quer isso dizer que as pessoas pobres estão muitas mais vezes infelizes do que as pessoas ricas?

Infelizmente, é assim que se passa. Se compararmos as pessoas com rendimentos mais elevados com as pessoas que têm um rendimento mais baixo, então é claro que os ricos se sentem mais felizes e que eles são igualmente estimados mais felizes pelos outros. Tem que perceber: Quando você tem pouco dinheiro e que está sempre no limite, isso simplesmente não é engraçado e torna uma pessoa infeliz.

Há até uma pesquisa a mostrar que, no pós-guerra, na Europa Ocidental e na América aumentou a riqueza, mas a partir de um certo limiar a felicidade não tem aumentado, houve até um declínio. Como explica isso?

Existem duas razões: por um lado muito rapidamente nos acostumamos a um aumento de ordenado, logo após um ano esse efeito quase desapareceu. Se recebermos no início do ano um aumento de 500 francos [1CHF= 1.50€], passado um ano já não iremos achar isso muito enriquecedor, nem tão pouco gratificante.

Em segundo lugar, temos sempre tendência a nos compararmos com outros. Então, se você receber 500 francos por mês, e souber que o seu colega recebeu 600 francos a mais, irá ficar desanimado e infeliz. Iremos sempre nos comparar, isto é algo que o homem tem dentro de si, desde a aurora dos tempos.

Que quer isso dizer para a economia? Os economistas tentam sempre aumentar a riqueza do seu país, mas os conhecimentos sobre a pesquisa da felicidade deixam-nos pensar que essa não é a única razão. Existirá aqui uma contradição na economia?

Existe sim uma contradição na economia que considera unicamente o lado material das coisas, e na investigação sobre a felicidade estamos a conseguir resolver essa contradição e a dizer para onde se deve olhar. Agora são os falsos indicadores que emergem!

Mas aqui, no nosso país não é esse o caso – Como é que se poderá conciliar essa investigação sobre a felicidade com a economia? Mencione os indicadores, quais são esses indicadores?

Na verdade, não é difícil introduzi-los na economia, uma vez que a base da economia é precisamente tornar as pessoas felizes, só que nos esquecemos que isso não pode somente ser feito com o materialismo. E agora voltamos ao ponto em que vemos a utilidade a decidir de tudo, não o produto social, e não a exportação, a importação ou a agricultura, mas: «O que faz as pessoas estarem satisfeitas com a vida que levam?»

Mas a economia tem de ser capaz de medir as coisas - como podemos medir o valor (utilidade)?

É crucial poder medir as coisas, concordo plenamente consigo. É por isso mesmo que hoje medimos a felicidade ou a satisfação de vida, quando pedimos a opinião das pessoas. Entrevistamos-os cuidadosamente e a questão fulcral é: «Até que ponto estão eles felizes com a vida que levam?» E é sobre uma escala de 1 a 10 que as pessoas podem indicar o grau de satisfação de suas vidas, e ficamos agradavelmente surpreendidos de ver que na Suíça, as pessoas estão extremamente contentes com seus modos de vida.

Mas não poderíamos dizer que as pessoas caem na tentação de dizer primeiro que estão felizes, e depois à posterior confessar a pessoas completamente desconhecidas que na verdade não estão satisfeitas com suas vidas e de se queixar?

Isso depende muito do nível cultural do país. Se efectuarmos essa pergunta aos franceses, eles dirão regularmente que não se encontram satisfeitos e os americanos estão treinados para dizer que se encontram «happy». Nós, os suíços, não somos conhecidos por haver pessoas a dizerem que «se sentem felizes». Mas está provado que os suíços se encontram em segundo lugar na escala da felicidade ou até mesmo em primeiro lugar se não contarmos com as pessoas morando na Dinamarca.

Porquê que os suíços são felizes?

Existem variadíssimos factores. O factor mais importante é que nos encontramos bem a nível do materialismo: Temos uma economia estável, baixos níveis de desemprego, o que é para nós primordial: Teremos que comparar isso com taxas de 9 a 10%, com os números de desemprego em França e em Itália. Se confrontarmos isso, acabamos por nos encontrar em excelente situação. O segundo ponto é que a nossa sociedade está em grande parte ainda intacta, a maioria das pessoas na nossa sociedade ainda tem bons relacionamentos com seus familiares, têm bons amigos, e creio que isso, é muito importante. E em terceiro lugar: Temos uma boa conjuntura política.

Vários países estão agora a tentar introduzir a economia do conhecimento da felicidade na sua política, de modo a prosseguir a felicidade como uma meta nacional. O rei do Butão é um exemplo, existem procedimentos na Austrália e foi ainda contactado por diversos e importantes partidos políticos de Inglaterra. O que disse a esses políticos?

Disse-lhes que, numa democracia não se pode forçar as pessoas à felicidade, mas que teriam que melhorar em muito as bases, ou seja, as possibilidades de participação dos cidadãos, de maneira a que estes possam contribuir para os Assuntos Políticos. Isso reflecte-se no exemplo dos Suíços que é de extrema importância para o povo.

Em vários estudos publicados insistiu para o facto de que a participação política desempenha um papel importante a nível nacional, cantonal e comunal para o apreço das pessoas que habitam o país. De que maneira pode explicar isso?

Estamos muito orgulhosos deste resultado, porque efectivamente ainda hoje em dia na Suíça existe pessoas afirmar que a democracia directa está fora de moda, e que já nem deveria existir no XXI século. Pensamos exactamente o oposto: Acreditamos que a democracia directa, não só é mais eficiente, como torna as pessoas mais felizes, comparando com outros países. E novamente, volto a lembrar, alguns países nossos vizinhos, como por exemplo a Alemanha, poderia muito bem introduzir um pouco mais de participação das pessoas através de iniciativas e referendos.

Como explica então que, apesar da felicidade que dizemos viver a nível político, a participação nas eleições federais tenham diminuído nos últimos tempos?

Não queira dar demasiada importância à participação nas votações. O que conta realmente, é que as pessoas possam participar quando julgam ser importante. E temos isso comprovado. Lembro que quando se tratou, da eliminação das forças armadas, a participação às urnas foi muito elevada. Igualmente quando se questionou a entrada na União Europeia e de seu espaço Económico, a participação ao voto foi grandiosa. O que é importante lembrar, é que os cidadãos têm uma oportunidade constitucional, cívica, de se poderem pronunciar quando é importante para eles.

No entanto, há economistas na Suíça a dizer que o federalismo suíço, todas essas oportunidades de participar nas decisões, não é economicamente eficiente. Existirá aqui, também, uma contradição entre a investigação sobre a felicidade e economia?

Sim existe uma: Nós, simplesmente não podemos achar que a democracia directa atrase. Diz-se muita vez, que cometemos o erro de ir sempre cuidadosamente; No entanto, quando comparamos com democracias parlamentares onde tudo se encontra igualmente bloqueado, mas repare que nesta é por causa de importantes grupos que fazem pressões. Contudo, a nossa democracia directa dá a possibilidade de constituir importantes grupos de pressão, e acho isso essencial.

Poderíamos dizer que eles são poderosos lobbies que querem a abolição do federalismo, na democracia directa?

É exactamente isso. Eles zangam-se muitas vezes contra os cidadãos que não fazem o que eles pretendem e muitas das vezes, essa situação também se verifica com os políticos: Vejo-os frequentemente a querer fazer passar uma determinada Lei e chateiam-se que se tenha que ainda pedir a opinião dos cidadãos. Como eu já o disse antes, temos que comparar isso com as democracias representativas onde é o parlamento que decide sobre tudo, podemos verificar que neste tipo de democracia as coisas também demoram tempo, muito tempo e depois lá vem o governo que toma posse a seguir anular tudo. Verifica-se muito menos isso na Suíça. Costumamos ir devagar até uma decisão ser tomada porque perdemos muito tempo a discutir sobre o assunto, mas uma vez a decisão tomada, tudo passa a ser bastante estável.

Sr. Frey, quando o ouço falar fico com a impressão do que na Suíça se vive num paraíso – mas: O que recomendaria aos Suíços que desejam manter o seu nível de felicidade ou até mesmo aumentá-lo?

Nós não nos encontramos por assim dizer no paraíso. Também temos problemas, por exemplo com a integração dos imigrantes, hoje em dia apercebemos-nos disso. Estamos a tomar importantes medidas e deveríamos reforça-las. Além disso, deveríamos oferecer mais formação, os integrar ainda mais na sociedade civil, é muito importante.

E talvez de um modo mais geral, penso que seria útil não partir para uma politica activista, mas antes pelo contrario, fortalecer as bases, quer isto dizer, a democracia directa e o federalismo, em vez de os querer desmantelar.

*«Foi **Bruno S. Frey**, investigador científico sobre a felicidade e professor para a pesquisa empírica sobre a economia na Universidade de Zurique. Entrevista realizada por Priscilla Imboden.»*

*Fonte: Schweizer Radio DRS 1, Wirtschaftsmagazin Trend Plus du 5/1/08
(Tradução: União Democrática Central)*



